

# Carlos Drummond de Andrade – Perguntas

Numa incerta hora fria  
perguntei ao fantasma  
que força nos prendia,  
ele a mim, que presumo  
estar livre de tudo,  
eu a ele, gasoso,  
todavia palpável  
na sombra que projeta  
sobre meu ser inteiro:  
um ao outro, cativos  
desse mesmo princípio  
ou desse mesmo enigma  
que distrai ou concentra  
e renova e matiza,  
prolongando-a no espaço  
uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida  
o segredo de nosso  
convívio sem contato,  
de estarmos ali quedos,  
eu em face do espelho,  
e o espelho devolvendo  
uma diversa imagem,  
mas sempre evocativa  
do primeiro retrato  
que compõe de si mesma  
a alma predestinada  
a um tipo de aventura  
terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois  
por que tanto insistia

nos mares mais exíguos  
em distribuir navios  
desse calado irreal,  
sem rota ou pensamento  
de atingir qualquer porto,  
propícios a naufrágio  
mais que à navegação;  
nos frios alcantis  
de meu serro natal,  
desde muito derruído,  
em acordar memórias  
de vaqueiros e vozes,  
magras reses, caminhos  
onde a bosta de vaca  
é o único ornamento,  
e o coqueiro-de-espinho  
desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim  
a razão sem razão  
de me inclinar aflito  
sobre restos de restos,  
de onde nenhum alento  
vem refrescar a febre  
desse repensamento:  
sobre esse chão de ruínas  
imóveis, militares  
na sua rigidez  
que o orvalho matutino  
já não banha ou conforta.

No vôo que desfere,  
silente e melancólico,  
rumo da eternidade  
ele apenas responde  
(se acaso é responder  
a mistérios, somar-lhes

um mistério mais alto):

Amar depois de perder.

**Carlos Drummond de Andrade, Antologia poética**